

## Carolina



"A sua alma pode carregar memórias e lições antigas, mas a voz traduz as nuances do amor que vive hoje, que sente de forma profunda na vida que agora leva." "... Carolina, enfim, é uma artista verdadeira. Que canta o que sente e que sente como ninguém o que canta. E é isso que a define."

É em noites como aquelas em que se apresenta no histórico Clube de Fado, em Alfama, Lisboa, que Carolina verdadeiramente se revela. Nesse contexto, de recorte mais solene, mais noturno, com a iluminação mais baixa a acentuar o natural intimismo da ocasião, rodeada de viola e guitarra, sem amplificação, sem qualquer filtro tecnológico, a sua voz e a sua entrega ecoam de forma extraordinária no cenário de pedras centenárias, arrebatando quem lhe dá atenção, arrancando naturais aplausos dos que se deixam enredar nas palavras que a sua garganta solta, límpidas e profundas, como devem ser sempre as palavras que uma fadista sente e vive.

Com dois registos no activo lançados através da Sony Music - *Carolina*, produzido por Ricardo Cruz (que tem António Zambujo no seu currículo), foi lançado em 2014, enquanto o mais recente, *enCantado*, trabalho assinado pelo produtor Diogo Clemente (Carminho), data já de 2017 -, Carolina já deixou muito claro que tem voz, coração, personalidade e cabeça para ir muito longe. Exactamente porque a seriedade que investe na sua arte e a entrega que lhe dá sem quaisquer reservas são, juntamente com o talento, pilares em que se pode e deve sustentar uma longa carreira.

Carolina nasceu na Alemanha, mas cresceu em Trás-os-Montes, onde o fado foi descoberta em que apoiou a sua própria procura de identidade. Mais tarde, no Porto, respondeu ao apelo dos palcos, estudou e fez teatro, cantou ópera e, um dia, deixou que o fado a puxasse para dentro de si mesmo quando, de forma impulsiva, deu voz a três fados que conhecia, recorrendo a todas as lições aprendidas a escutar de forma atenta Amália Rodrigues, facto que chegou para impressionar quem programava a reputada Casa da Mariquinhas, um dos melhores redutos de fado da Invicta, onde passou a apresentar-se regularmente. O fado, muito logicamente, puxou-a para os palcos, mas também a foi trazendo para mais próximo de Lisboa. Foi Beatriz Costa por mão de Filipe La Féria na sua encenação de *A Canção de Lisboa*, e, a convite de Mário Pacheco, a alma do Clube de Fado, apresentou-se pela primeira vez fora de Portugal, em Varsóvia, trazendo da viagem a força dos aplausos e a certeza de que este seria o seu futuro. Foi chamada para a programação do Museu do Fado em 2009 e 2010, cantou no grande ecrã no filme *O Cônsul de Bordéus* de Francisco Manso, em 2012, e estreou-se depois em disco um par de anos mais tarde.

Como artista de atitude personalizada que é, Carolina não gosta de se limitar, e isso

significa que tanto maravilha em fados tradicionais, como o clássico "Um Fado Nasce" do grande Alberto Janes que cantou no seu álbum de estreia, como em reportório mais moderno, caso de "Falar de Amor", com poema escrito por Carolina Deslandes, a que deu voz no trabalho mais recente. Carolina

sabe que é este o seu tempo. A sua alma pode carregar memórias e lições antigas, mas a voz traduz as nuances do amor que vive hoje, que sente de forma profunda na vida que agora leva. E é isso que se sente quando ela canta à nossa frente: no Clube de fado ou num palco maior de um Auditório, em Portugal mas também em importantes salas no estrangeiro. Este arrebatamento que a sua voz inspira acontece porque Carolina, enfim, é uma artista verdadeira. Que canta o que sente e que sente como ninguém o que canta. E é isso que a define.

### Cidália

The graphic features a blue background with a white water drop and a four-petaled flower icon in the top left. The name "CIDÁLIA MOREIRA" is written in white capital letters. A central photograph shows Cidália Moreira smiling. On the right, a blue box contains the text "17 OUT | 19H CINE ATLÂNTICO". Below this, a yellow box features a white guitar icon and the text "TRIBUTO A Amália". At the bottom right, a blue box contains the text "5ª EDIÇÃO - 17 OUT FESTIVAL CAIXA FADO'19".

### Marco Rodrigues

The graphic features a blue background with a white water drop and a four-petaled flower icon in the top left. The name "MARCO RODRIGUES" is written in white capital letters. A central photograph shows Marco Rodrigues with a serious expression. On the right, a blue box contains the text "17 OUT | 19H CINE ATLÂNTICO". Below this, a yellow box features a white guitar icon and the text "TRIBUTO A Amália". At the bottom right, a blue box contains the text "5ª EDIÇÃO - 17 OUT FESTIVAL CAIXA FADO'19".

Marco Rodrigues nasceu em Amarante em 1982 e, até aos quinze anos, o que sabe sobre fado vai pouco para além do reconhecimento do nome Amália Rodrigues. Quis o

destino que o fado lhe entrasse pela vida, quando se muda para Lisboa, vindo do Norte de Portugal. E toda a sua vida muda... Passa a infância e a adolescência sem qualquer ligação ao fado embora sempre em contacto com outros géneros musicais. A descoberta da música de Lisboa leva-o a concorrer à Grande Noite do Fado 1999, no Coliseu dos Recreios, que vence na categoria Sénior, apesar de só ter 16 anos. Poucos meses depois, Marco Rodrigues estreia-se como profissional no Café Luso, em Lisboa – onde permanece, até 2012, como fadista e violista residente, assumindo também a direção artística. Em 2006 lança o seu primeiro trabalho, “Fados da Tristeza Alegre”, que um ano mais tarde é distinguido com o Prémio Amália Rodrigues 2007, na categoria Revelação.

Mas é em 2010, com o seu segundo álbum, “Tantas Lisboas” (Universal Music Portugal), que vai ter um reconhecimento mais abrangente. Neste trabalho tem como convidados Carlos do Carmo e Mafalda Arnauth e conta, entre os compositores e letristas, com Boss AC, Tiago Torres da Silva, Inês Pedrosa e Tiago Machado, que assina também a produção do álbum. Atua em Portugal e no estrangeiro, a par de nomes como Carlos do Carmo e Ana Moura, destacando-se a participação no concerto de Mariza, no Royal Festival Hall, em Londres. Em 2011 é ainda convidado a participar no álbum de Fernando Alvim (“Fados e Canções do Alvim”), e no álbum “Mais uma página” da cantora brasileira Maria Gadú, com quem faz o dueto “A Valsa” e partilha os palcos sempre que a mesma atua em Portugal.

A 2 de dezembro de 2011, Marco Rodrigues integra o elenco de fadistas que atua na Gala Fado Património da Humanidade, espetáculo comemorativo da distinção do Fado como Património Imaterial da Humanidade, atribuída pela UNESCO no final de novembro do mesmo ano. Interpreta "A rima mais bonita", numa das atuações mais aplaudidas do concerto transmitido em direto na RTP1. Marco Rodrigues assume, em junho de 2012, as funções de diretor artístico da Adega Machado, uma das mais conhecidas casas de fado em Lisboa, onde integra também o elenco residente.

Em 2013 lança o disco e a digressão “Entre Tanto”. É um trabalho que resulta de um percurso pessoal enraizado no fado tradicional, mas que vai para além desta matriz, indo ao encontro dos diferentes tons e cantos fadistas. Com a maturidade de um terceiro registo discográfico, Marco revela a sua interpretação mais pessoal encontrando caminhos novos para as vontades do fado. Este trabalho é aclamado pelo público e pela crítica como o atingir da sua maturidade criativa. Neste novo álbum, Marco Rodrigues convida-nos a desfrutar do lado bom e mau da vida que passa nas histórias que canta. Em palco é acompanhado pelo tradicional trio de guitarras de fado (guitarra portuguesa, viola e baixo acústico) ao qual junta a sua própria guitarra, proporcionando o ambiente de uma casa de fados à qual acresce uma visão própria e uma original interpretação única e atual.

Nesse mesmo ano foi convidado por uma das maiores e mais importantes vozes da história do fado, Carlos do Carmo, para cantar consigo o “Fado do 112”, no álbum “Fado É Amor”, onde também participaram Ana Moura, Cristina Branco, Mariza, Camané, entre outros. Além da colaboração nesse disco, em 2014 Marco Rodrigues e Carlos do Carmo viriam a partilhar o palco do Coliseu dos Recreios, em Lisboa, num concerto muito especial onde Carlos do Carmo convidou os vários fadistas que mais gosta para consigo apresentar as canções de “Fado É Amor”.

Na plateia estava presente o produtor Oscar Gomez, que gostou particularmente da interpretação de Marco Rodrigues, tendo-o convidado pouco depois para se juntar a um disco de homenagem ao trio Matamoros, pioneiros da música tradicional cubana. Em “El Alma del Son – Tributo a Matamoros”, Marco Rodrigues juntou-se a Alain Perez para um dueto na canção “Ruego de Amor”. Zenet, Diana Navarro, La Santa Cecilia, Lolita, Café Quijano e Lucrecia foram outros dos nomes convidados para este disco de homenagem, que foi nomeado para um Grammy Latino.

Abriram-se então as portas do mercado da América Latina e em 2016 o fadista deu concertos muito aplaudidos na Argentina, Chile e Colômbia.

Consigo Marco Rodrigues levou os temas de “Fados do Fado”, o seu quarto álbum, editado em 2015. Neste disco, Marco Rodrigues homenageou alguns dos homens fadistas que foram e são ainda hoje grandes referências e que o ajudaram a crescer e a evoluir ao longo do seu percurso. Carlos do Carmo, Tristão da Silva, Jorge Fernando ou Tony de Matos foram alguns dos fadistas homenageados neste álbum produzido por Diogo Clemente e que foi muito acarinhado pelo público e pela crítica.

Graças a este disco, Marco Rodrigues percorreu palcos de toda a Europa, América Latina e, claro, de Portugal, em concertos sempre com salas cheias, resistindo no final sempre uma grande vontade de voltar. Em Portugal o fadista passou por vários festivais, do Caixa Alfama ao NOS Alive, tendo também atuado no Centro Cultural de Belém.

E depois de ter participado num disco que foi nomeado para um Grammy Latino, em 2016 Marco Rodrigues tornou-se o primeiro homem fadista a ter um disco seu nomeado de novo para um Grammy Latino, com “Fados do Fado”, na categoria de Melhor Álbum Folk. Uma nomeação muito importante no percurso internacional do fadista e que, por si só, é o culminar de um percurso ímpar no fado e de uma década de carreira discográfica.

Em 2017, Marco Rodrigues regressou aos discos com “Copo Meio Cheio”, que se revelou um enorme sucesso de vendas e aplaudido pela crítica especializada. Neste álbum, Marco Rodrigues desafiou uma série de novos compositores e letristas da música pop nacional como Diogo Piçarra, Guilherme Alface e João Direitinho, dois membros dos ÁTOA que compuseram o primeiro single “Fado do Cobarde”, Carlão, Luísa Sobral, Capicua, Agir, Pedro da Silva Martins (Deolinda), Tiago Pais Dias e Marisa Liz (Amor Electro), ou Boss AC. Do disco faz parte o sucesso “O Tempo”, cujo vídeo ultrapassou as 2,6 milhões de visualizações.

Com produção de Tiago Machado, “Copo Meio Cheio” não é um disco de fado, não é um disco de pop, é um disco de Marco Rodrigues, onde a sua identidade e a sua incrível capacidade interpretativa se encontram mais definidas do que nunca.

Graças a este álbum, Marco Rodrigues voltou a pisar vários palcos internacionais, desde o Festival Caixa Fado em Benguela e Luanda (Angola), à Rússia ou Letónia.

## Mel



A música é paixão absoluta na vida de Mel. O fado apresenta-se como forma de expressão máxima na sua música. Esse factor ganha vida em algumas das mais prestigiadas casas de fado de Lisboa, e pelo meio arrecada o 1º lugar na Grande Noite do Fado de Santa Maria Maior, no Coliseu dos Recreios, assim como assinala presenças em eventos da envergadura como o Caixa Alfama. O seu amor pelo Fado, pela arte e, acima de tudo, a sua grande vontade de fazer a diferença nesta área é o foco objectivo de uma personalidade vincada da jovem artista.

## Patrícia Faria



Patrícia Natacha Rodrigues de Faria, Patrícia Faria, é cantora, locutora de rádio e advogada, nasceu a 3 de Dezembro de 1981 em Luanda-Angola.

Aos 6 anos de idade ingressou no grupo "As Gingas do Maculusso" girls band de enorme sucesso nacional, tendo gravado em sede daquele projecto os discos:

- Mbanza Luanda
- Malanje Natureza e Ritmos e;
- Xyami.

Em 2003 a cantora envereda por uma carreira a solo lançando o seu 1.º trabalho discográfico intitulado " Eme Kya", trabalho que rendeu a artista de trato fácil e espontaneidade, o primeiro prémio musical atribuído a uma mulher no maior concurso musical do país promovido pela Rádio nacional de Angola o "Top dos Mais Queridos".

A cantora que conta com uma rica galeria de prêmios e diplomas de mérito, produziu dois trabalhos discográficos: Eme Kya e " Baza" lançado este em 2009,sendo como sempre um sucesso de vendas. è a artista angolana granjeadora não só de prémios assim como de prestígio nacional e internacional, confirmados pela presença em participações nos seus discos de músicos como: Paulo Flores, Bonga e o português Luís Represas.

Actualmente dedica-se a cantora na gravação do seu terceiro trabalho discográfico cuja previsão de lançamento está para Agosto de 2019.

Patrícia Faria, defensora da sua matriz cultural em particular o "Semba" ritmo popular urbano de Angola, foi presença constante em festivais nacionais e internacionais de música como : Super Bock Super Rock( Portugal-Junho de 2004), Festival da Bahia das Gatas (cabo verde).

Em 2003 Patrícia Faria foi convidada especial do conceituado concurso de musica internacional Kora Awards(Africa do Sul-2003) cuja performance foi particularmente elogiada por artistas como Bozzi Bozziana( República do Congo) e Angie Stone, (USA) .No mesmo concurso a cantora também já foi indicada a concorrer ao prémio de "Melhor Artista Tradicional Africano", com a canção "Tambula o Saia",

Em 2011,pelas suas qualidades vocais, foi a artista convidada pela televisão pública de Angola a integrar o membro de júri do reality show"Angola Encanta"programa de descoberta de talentos como o internacional "idols" por dois anos consecutivos.

Em 2015 foi a artista convidada a prestar homenagem à artista Dulce Neves considerada a Rainha da música da Guiné Bissau, onde foi recebida pelo presidente da república Guinense José Mario Vaz ,tendo participado de igual modo em diversos festivais musicais no exterior representando Angola ao longo da sua carreira musical.

Patrícia Faria, além do exercício da advocacia é também uma das vozes mais ouvidas em rádio em Angola, ingressou aos 14 anos na Rádio nacional de Angola onde desde sempre foi líder em audiências, actualmente é funcionária da rádio privada MFM dando voz ao programa "Calientíssimo".



Paulo Alexandre da Silva Flores (Cazenga, Luanda, 1 de Julho de 1972) é um dos cantores mais populares de Angola

Mais conhecido pelo seu nome artístico PAULO FLORES é autor, compositor e intérprete, é uma das principais referências na música de Angola e um defensor incansável do semba.

Passou a sua infância e juventude em Lisboa,

A voz de Paulo Flores, doce e quente, vibrante e grave, inspira-se na tradição urbana de Luanda e conta-nos histórias de ontem, de hoje e de amanhã.

#### CARREIRA:

Aos 16 anos grava na Rádio de Luanda “Kapuete Kamundanda” (1988), onde o tema “Cherry” protagoniza um novo género musical, a kizomba (que significa Festa em kimbundu), fusão de ritmos do zouk das Antilhas com elementos do Congo e de Angola, com grande predominância de teclados electrónicos. Paulo Flores aparece assim, juntamente com Eduardo Paim, na primeira linha deste movimento crucial da música de dança africana (lusófono) de cariz urbano, popularizada em Portugal nos anos 80, a kizomba. Paulo Flores explora o olhar crítico da geração que cresceu depois da independência e reflecte o sentimento de revolta face à destruição que assiste no seu país. Encontra as palavras certas para falar da extraordinária capacidade de resistência do povo angolano, da sua energia e da sua vitalidade, expressos na sua música e na sua dança. A kizomba dominou a produção musical do espaço lusófono até metade dos anos 90, e domina ainda, até hoje, o imaginário dos amantes das “Áfricas”! Em Lisboa, o género impõe-se rapidamente no mercado africano (discos e discotecas). Os álbuns “Sassasa” (1990), “Coração Farrapo” (1991) e “Thunda Mu N’jilla” (1992) são os principais sucessos que fazem de Paulo Flores um ícone da música de Angola em Portugal.

Nascido em Luanda, Paulo Flores passa a sua infância em Lisboa, com viagens regulares a Angola. Através da sua Tia-Avó e de seu pai, Cabé, discotequeiro (dj/disc jockey) e amante de música, Paulo Flores descobre elos fortes com a cultura do seu país, mas também com o blues, a soul e outros géneros da cultura afro-americana. É com Carlitos Vieira Dias, célebre guitarrista dos palcos angolanos nos anos 70 que Paulo Flores faz as suas primeiras incursões no semba tradicional, autêntico, original, ritmos marcados por guitarras e melodias em tons menores. A partir de “Thunda Mu N’jilla” (no qual participa Carlitos) e de “Brincadeira Tem Hora” (1993) Paulo Flores procura novos sons e introduz alguns sembas e kazukutas no seu repertório, confirmando essa nova tendência em “Inocenti” (1995) e depois em “Canta

Meu Semba” (1996). Cantos dolorosos (na tradição dos lamentos angolanos) alternam com ritmos de dança que associam instrumentos acústicos e eléctricos, na vontade de criar um semba que correspondesse aos seus sentimentos, um semba de fusão entre a tradição e o moderno. Desta forma Paulo Flores afasta-se voluntariamente do mundo das discotecas e vive intensamente as suas emoções e sentimentos na música. Sem slogans nem demagogias, a dor é íntima e imensa.

Paulo Flores assume serenamente a sua responsabilidade de artista. As suas composições seduzem e emocionam e falam também de esperança. Canta histórias pessoais e colectivas que exprimem desejos do quotidiano. Usa palavras e frases do português, até mesmo do inglês, do kimbundu e do calão de Luanda na sua língua portuguesa, justapondo subtilmente os seus contrastes.

Um dos seus grandes talentos é o de conseguir reunir excelentes instrumentistas, sensíveis à sua criatividade musical. Em “Perto do Fim” (1998) encontram-se grandes músicos de Angola (Simmons Massini, Moreira Filho, Marito Furtado, Rufino Cipriano e Joãozinho Morgado, entre outros). “Mana Chiquita”, “Fim de Semana”, “Dinheiro Não Chega”, “Serenata a Angola” são alguns dos sucessos deste álbum. Paulo Flores consagra-se como a principal referência da música de Angola da sua geração.

Em 1999 Paulo Flores instala-se em Luanda e colabora com grandes músicos angolanos, um período que representa uma viragem na sua criação musical. “Recompasso” (1999) e “Xé Povo” (2003) trazem melodias, sonoridades e palavras que reflectem a grande diversidade do seu universo poético e musical. Excelentes músicos participam nestes álbuns: Ciro Bertini, com quem colabora desde os anos 90, Betinho Feijó, Carlos Burity, Tito Paris, Lura e Sara Tavares, entre outros. “Quintal do Semba” (2003) e “Vivo” (2005) sublinham e reforçam essa sua visão da história de Angola.

Em 2008 Paulo Flores celebrou 20 anos de carreira num fabuloso espectáculo que reuniu mais de 20.000 pessoas de diferentes gerações nos Coqueiros, em Luanda.

Paulo Flores inscreve hoje o seu trabalho numa linguagem que assenta na procura e na valorização do património musical angolano, mas com espaço para a influência de outros géneros musicais, outras influências, com grande enfoque nos textos e subtiliza na instrumentação.

A trilogia ExCombatentes (2009, “Viagens”, “Sembas” e “ Ilhas”), 27 temas, foi apresentada em Portugal no Cinema São Jorge e na Casa da Música, num espectáculo que contou com a participação especial de Jaques Morelenbaum. Um trabalho extenso, condensado, elegante e sincero, da vida e da arte de Paulo Flores. Uma arte de encontros (Manecas Costa, “Samba em Prelúdio” com Mayra Andrade, entre outros.), de descobertas e de grande maturidade artística. ExCombatentes é uma homenagem ao povo angolano, a todos aqueles que viveram o período de guerra, à coragem e à dignidade de um povo que não ganhou a guerra mas sim a paz. Paulo Flores exprime dúvidas e interrogações sobre uma existência angolana que vê projectada no mundo. Angola de hoje não é mais a da sua infância.

O que pode (e deve) um criador fazer? Que palavras? Que harmonias? Que voz?

Em 2010 Paulo Flores apresenta o espectáculo Raiz da Alma no grande auditório do Centro Cultural de Belém e na Casa da Música. O semba de Angola revisitado nas suas matrizes tradicionais, onde se reencontram (Mias Galheta) no baixo, um poderoso dueto de violões (Tony Sá e Pirika Duia), o carisma das frequências eléctricas de (Teddy Nsingi) e as percussões tradicionais como a puita, a dikanza, o mukindo, o hungo e os batuques, com composições de Paulo Flores e também de clássicos da música de Angola dos anos 60/70, de compositores como David Zé, Sabu Guimarães, Rosita Palma ou Ana Maria de Mascarenhas.



Paulo Flores vai ao encontro do público francês em Junho de 2012, com o lançamento de ExCombatentes Redux (2012) e dois espectáculos: no Théâtre de la Ville em Paris, com a participação de Mayra Andrade e no Festival Rio Loco em Toulouse, com a participação de Yuri da Cunha. Em instantes mágicos de harmonia e alegria Paulo Flores ofereceu as suas melodias, a sua poesia e a sua pessoa, para fazer partilhar as suas emoções de angolano neste início do século XXI.

O País Que Nasceu Meu Pai (2013). Neste disco Paulo Flores procura reavivar a memória do tempo da geração de seus pais, os seus sonhos, os seus ideais, a sua forma de estar, de ser, de pensar, e até de vestir...a sua abertura para o mundo e para a modernidade; os novos sons e as novas formas numa espécie de harmonia com o seu quotidiano, os seus modelos, os seus hábitos e as suas tradições. Neste disco Paulo Flores homenageia esta geração que plantou nos seus quintais a nova africanidade angolana.

Para além do seu papel na música, Paulo Flores desempenha ainda um papel social importante no apoio à modernização da música de Angola através da colaboração com jovens músicos angolanos e também no desenvolvimento de acções de solidariedade social enquanto Embaixador da Boa Vontade da ONU em Angola (desde 2007).

#### Discografia

- Kapuete, 1988
- Sassasa, 1990
- Coração Farrapo e Cherry, 1991
- Brincadeira Tem Hora, 1993
- Inocente, 1995
- Perto do Fim, 1998
- Recompasso, 2001
- Xé Povo, 2003
- The Best, 2003
- Quintal do Semba, 2003
- Ao Vivo, 2004
- Ex Combatentes, 2009
- Excombatentes Redux, 2012
- O País Que Nasceu Meu Pai, 2013
- Bolo de Aniversário, 2016
- Kandongueiro Voador, 2017



### Tânia Oleiro



Tânia Oleiro canta há 17 anos e, em 2016, entregou-se de alma e coração ao seu primeiro disco 'Terços de Fado'. Um registo que reflecte o seu percurso traçado com solidez e dedicação aos saberes tradicionais e à vasta riqueza do espólio do Fado.

Nascida em Lisboa, teve o Fado como berço, por condição. Da infância recorda o fado cantado pela sua mãe e terá assim nascido a sua grande paixão. Das casas de Fado mais conceituadas da capital, onde sempre cantou, traz o enriquecimento da partilha de experiências com vários músicos, fadistas e autores, paralelamente, desde

cedo que é convidada para cantar ao lado de nomes consagrados do Fado, em Portugal e no estrangeiro.

Enraizada no seu legado histórico, Tânia Oleiro é um valor firmado que abre caminhos para o futuro, num equilíbrio entre a seleção cuidada do repertório, os músicos que a acompanham e o seu extraordinário poder interpretativo.

Com o seu disco tem passado por alguns dos palcos mais conceituados de Portugal entre eles, Museu do Fado, Museu de Lisboa, Avante, Caixa Alfama, Santa Casa Alfama, entre outros.

Além-fronteiras passou por uma tour de 11 salas na Áustria, 5 nos Estados Unidos, 2 na Alemanha, Israel, Espanha e Polónia.

Seja onde for, Tânia Oleiro entrega-se ao público e ao reportório de uma forma que a faz ser única entre os seus pares. Numa altura que recolhe reportório para o próximo

disco, Tânia Oleiro constrói o seu espectáculo entre os temas do disco Terços de Fado e alguns temas que canta, semanalmente, nas casas de fado onde actua. Discreta mas, com uma firmeza inabalável, a fadista traz consigo a tradição dos ícones de antigamente e a singeleza da sua juventude.